

Gestão, ética e estética

Haino Burmester¹

1. Médico, administrador hospitalar e de sistemas de saúde. Conselheiro do Programa CQH

Tudo que se faz na vida (realizar produtos ou serviços; enviar e-mails; proferir discursos; conduzir reuniões; dar aulas; educar pessoas; pregar um evangelho; gerir uma organização, etc.) tem um componente ético e um componente estético; ou seja, tudo tem um conteúdo (ético) e uma forma (estética). Ambos os paradigmas têm variações culturais e históricas importantes; o que é ético e esteticamente apreciável aqui e agora pode não o ter sido no passado ou algures. Logo, pode se dizer que gestão, ética e estética estão histórica e culturalmente interligadas, porque os três conceitos convergem na realização de ações humanas: só há gestão onde pessoas se reúnem para fazer coisa juntas; só há ética na interação de pelo menos duas pessoas; assim como só há apreciação estética no encontro, mínimo, de duas mentes ou entes. Assim os três conceitos são produto de uma intensa interação humana; ética e estética têm tudo a ver com gestão de ações humanas.

Neste momento da história por que passa o Brasil, impõem-se várias reflexões sobre a ética e práticas de gestão pública ou privada: delações premiadas; o que é moral e ético; *compliance*; conduções coercitivas; acordos de leniência; buscas e apreensões; canais de denúncia; o que fazer para ser mais ético e outras tantas manifestações que passaram a fazer parte do noticiário diário. Não há como não ver nelas componentes éticos, estéticos e de gestão.

A pergunta que se impõe, diante deste panorama, é se as populações hoje estão (são) mais ou menos éticas do que foram nos momentos anteriores da história da humanidade, independentemente de suas culturas. Para responder a esta pergunta, talvez se deva avaliar a condição da mulher no mundo atual; embora ainda bastante em desvantagem com relação aos homens, pode-se afirmar com bastante segurança, que a humanidade progrediu muito no reconhecimento aos direitos femininos ao logo dos anos (assim como de outros direitos humanos). Outros exemplos poderiam ser analisados para confirmar que de fato, a humanidade hoje está mais ética do que em qualquer outro

momento da história, malgrado os inúmeros exemplos ainda prevalentes em alguns lugares, que demonstram o contrário.

O que fazer, contudo, para avançar ainda mais em direção a um mundo ético? Primeiro é preciso entender que nunca se poderá dizer que a humanidade alcançou ou alcançará um patamar ótimo de ética, porque se trata de um processo sem fim em que a humanidade estará sempre caminhando em busca de melhores níveis com retrocessos e avanços.

Outro componente importante para a análise é o fato de que a ética, assim como a estética e a gestão acontecem em uma zona cinzenta entre o que as pessoas pensam “como as coisas deveriam ser” e como de fato “as coisas são”. Nesse intervalo há um grande espaço para relativizações e distanciamentos das formas absolutas de ver e analisar eventos e ações de pessoas. Sempre há uma grande diferença entre o mundo ideal (das ideologias) e o mundo real. No mundo ideal não deveria haver mais guerras, embora todos saibam que, por mais pacifistas que sejam os homens, sempre haverá guerras na humanidade. No mundo ideal não deveria haver injustiças, embora por mais justos que sejam os homens, sempre haverá injustiças no mundo. Assim também com a crueldade e tantos outros conceitos humanitários.

Por outro lado, também é importante que se entendam as relações entre moral, ética e as leis e como estas impactam na gestão. Grande número de autores considera que não existe diferença entre moral e ética. Outros, contudo, entendem que moral é o conjunto de valores e crenças que as pessoas têm dentro de si, sendo a ética a transformação desses valores em ações práticas. Desta maneira uma pessoa pode ter valores morais muito fortes sem, necessariamente ser ética, por não praticar aquilo em que acredita. Já a lei, que deriva destes dois conceitos, é restritiva no sentido que prescreve aquilo que os cidadãos não devem fazer, sem que por isso os transforme em bons cidadãos. Por exemplo: a lei proíbe matar e roubar; mas não matar nem roubar não transforma, necessariamente, as pessoas em bons cidadãos. Para serem bons cidadãos as pessoas precisam praticar muito mais ações éticas.

Impõe-se, portanto, a reflexão do que e como fazer para ter mais ética nas ações das pessoas e dos grupos e que a estética delas seja apreciável e, portanto, tornando-as mais facilmente gerenciáveis. Pouco provável que as pessoas vão aprender a ser mais éticas por meio de uma disciplina curricular em qualquer nível de educação formal. Isso se aprende, desde tenra idade, em casa, por meio dos exemplos de familiares e com os demais grupos sociais com os quais as pessoas se relacionam em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não há outra forma de aprender ética. Os pontos de encontro, acadêmicos ou não, podem ao longo da vida adulta das pessoas ajudá-las a compreender melhor os seus conceitos éticos, assim como os das outras pessoas. Entender as nuances e perspectivas desses conceitos ajudará a humanidade a prosseguir de maneira mais harmônica e estável nas suas relações pessoais, organizacionais e nacionais.

Essas reflexões devem remeter os leitores para considerar a importância de a ética e a estética estarem na agenda de reflexões dos cidadãos, seja em

ambientes públicos, organizacionais ou privados. Só assim a compreensão do que seja bom gerencialmente poderá prosperar nos grupos sociais com benefícios para todos.

Recebido: 23 de outubro de 2018. **Publicado:** 26 de outubro de 2018

Correspondência: Haino Burmester. Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 278 - 7º andar. CEP 01318-901. São Paulo – SP. **E-mail:** cqh@apm.org.br

© This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited